



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i30.6323>

A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NEGRAS NA HISTÓRIA, LITERATURA E FILOSOFIA SEGUNDO O PENSAMENTO DE GLORIA ANZALDÚA

The invisibility of black women in history, literature and philosophy according to the thinking of Gloria Anzaldúa

Joana Maria do Nascimento Silva¹

RESUMO

A partir do texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” escrito por Gloria Anzaldúa, este artigo analisa a exclusão das mulheres negras na história, literatura e filosofia, destacando o apagamento de suas vozes e pensamentos e suas contribuições para a história, literatura e filosofia. A partir disso, será abordado como as questões de raça, gênero e classe impactam a visibilidade e o reconhecimento dessas mulheres, propondo uma reflexão sobre a necessidade de resgatar suas narrativas a partir de recortes das escritoras brasileiras Esperança Garcia e Maria Firmino.

Palavras-chave: Racismo; machismo; invisibilidade feminina na escrita.

ABSTRACT

Based on the text “Speaking in Tongues: A Letter to Third World Women Writers” written by Gloria Anzaldúa, this article analyzes the exclusion of black women in history, literature and philosophy, highlighting the erasure of their voices and thoughts and their contributions to history, literature and philosophy. It will then look at how issues of race, gender and class have an impact on the visibility and recognition of these women, proposing a reflection on the need to recover their narratives based on excerpts from the Brazilian writers Esperança Garcia and Maria Firmino.

Keywords: Technological progress; bad prognosis; fear; responsibility. Racism, machism

¹ Graduanda em filosofia pela UFPI e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: joanamarian.s@gmail.com
CADERNOS PET, V. 15 , N. 30



INTRODUÇÃO

As chicanas são mulheres de cor que vivem em um país considerado de terceiro mundo que tem como idioma predominante o espanhol e são constantemente ignoradas por parte de seu próprio povo e da população dominante, ou seja, a parte burguesa e branca da sociedade. Na filosofia não é diferente, inúmeras filósofas como Gloria Anzaldúa desapareceram quase por completo devido a um âmbito acadêmico marcado pelo machismo, racismo e principalmente os estudos focados na Europa. Apesar de haver a existência de mulheres filósofas, a presença feminina é em sua maioria de mulheres brancas que possuem um certo poder aquisitivo, o que não exclui a dificuldade que enfrentaram para se tornarem conhecidas. Sendo assim, não somente é importante o debate dessa temática, mas o enfrentamento dela através da leitura de escritoras e filósofas de cor.

Gloria Anzaldúa, em sua obra "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo", destaca a importância de dar voz às experiências marginalizadas, como as de mulheres negras, asiáticas etc. Anzaldúa argumenta que a história é frequentemente contada a partir da perspectiva de grupos hegemônicos, resultando no apagamento de figuras essenciais que contribuíram significativamente para a cultura, a literatura e a filosofia.

Logo, neste artigo busca-se apresentar a invisibilidade dessas mulheres através do recorte das escritoras negras, brasileiras e nordestinas: a maranhense Maria Firmino e a piauiense Esperança Garcia.

O APAGAMENTO HISTÓRICO DAS MULHERES NEGRAS

Historicamente, as mulheres negras são duplamente apagadas: por serem mulheres e negras, com isso, é possível observar que desde os tempos antigos as mulheres são consideradas apenas corpos, seres que não são capazes de pensar ou que servem apenas para o cuidado doméstico, isso pode ser visto com muita clareza ao estudar os filósofos filosofia antiga, como Aristóteles ou cânones europeus, como Kant. Autoras como Maria Firmina (primeira romancista brasileira negra e primeira professora a ensinar em uma escola, sendo considerada a fundadora da literatura afro-brasileira) e Esperança Garcia (ex escrava considerada primeira advogada do Brasil) são escritoras negras que tiveram suas memórias



e escritas apagadas ao longo do tempo. Escritas essas que são de suma importância e agregam muito valor a filosofia (como a questão crítica, do pensar e questionar), a história e a literatura. Entretanto, mesmo sendo consideradas escritoras e pensadoras a frente de sua época, muitos filósofos e professores de filosofia não as consideram filósofas por não terem uma filosofia propriamente dita, se esquecendo que filosofia se trata de questionamentos e foi o que essas mulheres negras fizeram enquanto estavam vivas, ambas questionam os maus-tratos e preconceito que não somente elas, mas como todo seu povo sofriam e sofrem até hoje.

Como mencionado no parágrafo anterior, Esperança Garcia foi uma escrava no Piauí e é considerada a primeira advogada do Brasil. Tal feito se realizou pelo seu sentimento de injustiça após sofrer maus-tratos e severas violências de seu “dono”, com isso, Garcia resolve escrever uma carta ao governador da época informando todas as agressões que sofreu juntamente a seu filho e outros escravos da fazenda. Entretanto, na contemporaneidade sua história é esquecida pela maioria dos jovens que estão no ensino médio e até mesmo no ensino superior, muitos não sabem quem ela foi e quando sabem, a conhecem apenas pelo nome, mas não por quem ela foi, o que fez e sua importância, e até mesmo a própria OAB- Ordem dos Advogados do Brasil- só a reconheceu como primeira advogada do Brasil em novembro de 2022 como uma forma de reparação histórica.

Por outro lado, filha de uma escrava liberta e um pai ausente, a professora Maria Firmina dos Reis não sofreu das mesmas mazelas da escravidão como Esperança Garcia, mas assim como Garcia e Anzaldúa, também foi apagada da história e nos dias atuais é pouco conhecida pelas pessoas. Sendo mulher e negra, quebrou barreiras ao se tornar professora e passar em um concurso público, sendo querida por seus alunos, até que se envolveu em uma polêmica ao querer formar uma escola pública tanto para meninas quanto para meninos, pois na época, meninos e meninas não poderiam estudar juntos. Com seu apagamento, sua escritora só foi redescoberta em 1962 e sua obra se tornou famosa no Brasil após os anos 70. Também, sua obra Úrsula tem excelentes contribuições para a área da filosofia política, embora a autora não seja considerada uma filósofa. Vale lembrar que apesar de não ter sido escrava pois nasceu em uma época que a escravidão havia “acabado”, suas obras são marcadas pela forte denuncia das injustiças sociais que foram um efeito da escravidão, isso se dá pelo fato de que seus filhos adotivos são filhos biológicos de escravos



libertos e a escritora presenciou todas as dificuldades que os escravos passaram durante sua vida, sendo assim, começou a retratar em seus escritos os obstáculos vividos por seus filhos.

AS PRÓPRIAS MULHERES NEGRAS SE ISOLAM?

Observando Esperança Garcia, Gloria Anzaldúa e Maria Firmino, é perceptível que as mulheres negras não se isolam e sim são, em grande medida, isoladas pela parte mais abastada da sociedade.

Esse isolamento ocorre como consequência de uma sociedade machista e racista em que se torna comum encontrar mulheres que passam a se diminuir para entrar em algum círculo social. Muitas fingem não ter conhecimento sobre determinado assunto quando na verdade são doutoras sobre o que está sendo debatido. Pode-se observar isso no trecho do livro Úrsula:

mesquinho e humilde é este livro que vos, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda sim o dou a lume. Não a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo [...] (Dos Reis, 2018 [1859], p. 11).

Esse isolamento não se trata somente das obras, em suas vidas particulares as mulheres são silenciadas em uma simples conversa casual, tendo suas falas interrompidas ou ignoradas. Ademais, pode-se observar tais acontecimentos em sala de aula (tanto a escola pública quanto a escola privada, sendo na escola privada tal feito se torna mais evidente e mais frequente), considerando que muitas vezes ou quase sempre os alunos negros são considerados inferiores aos brancos e ignorados pelos professores. Com essas observações, imagine-se em uma sala de aula, você sendo um aluno negro ou aluna negra que possui as melhores notas da disciplina mas a professora ou o professor de pele clara apenas cita a famosa frase “não fez mais nada do que sua obrigação” ou age como se as notas não fossem nada, entretanto, sua colega de sala é uma criança branca que possui cabelos e olhos claros, na mesma situação da criança negra, ouve diversos elogios por parte da professora que



completa com um “queria que todos os meus alunos fossem como você”. Em uma situação como essa, a criança e o adolescente negro sentem a falta de um apoio e não se sentem pertencentes a uma sala de aula e acaba por deixar seu rendimento cair drasticamente, porém, tal fato não ocorre somente em escolas, mas também nas universidades e faculdades.

Essa questão do isolamento por parte das mulheres negras envolve uma complexa série de fatores sociais, culturais, históricos e psicológicos. Um exemplo a ser citado é de que ao perguntarmos a uma idosa de pele escura que possui 80 ou 90 anos se ela se considera inteligente, é bem provável que ela dirá que só pessoas brancas e homens têm a habilidade de ser um ser pensante.

Isso não se limita à ficção, nas redes sociais, uma jovem em seu perfil apresenta os cuidados que tem no dia a dia com sua avó de 80 anos, negra retinta. Nos vídeos, a neta mostra com clareza as mazelas que os anos de preconceitos sofridos fizeram com o psicológico e autoestima dessa senhora, que se auto declara feia por ter traços negroides e uma pele escura, e fala com a certeza, que somente mulheres brancas de cabelos e olhos claros são bonitas, e ao seus netos alegarem que ela é bonita a mesma acha que estão debochando, e até mesmo usar o cabelo solto a faz se sentir mal, além disso, com todos os anos de segregação a senhora ainda acha que não pode ir a certos lugares devido a seu tom de pele.

Acontecimentos como esse são a realidade de muitas outras mulheres que veem o auto isolamento como uma forma de não sofrerem com os olhares e julgamentos da “alta sociedade”. Além disso, não se pode deixar de mencionar como a falta de representatividade em posições de poder e em espaços importantes pode contribuir para um sentimento de exclusão e de se sentir desimportante. Um exemplo claro são os cursos considerados de classe alta das universidades federais, neles, é bem fácil observação de um curso composto em sua maioria por alunos e professores brancos, não somente isso, isso ocorre também nos cursos de licenciatura, como o curso de licenciatura em Filosofia, em sua maioria é composta por estudantes negros e negras, entretanto, ao olhar para os docentes do cursos, nota-se que não possuem professores negros e negras ou professoras mulheres em seus departamentos, e se possuem, não chegam a 10 ou 5 professores ou professoras consideradas de cor. Examinando a notícia postada no jornal UFJF, vemos que os professores negros nas instituições de ensino superior somam mais 58 mil no Brasil, sendo



26.770 mulheres e 31.541 homens e o número de professores brancos atuantes soma mais de 176.778.

Portanto, ao fazer tais observações com um olhar mais crítico, é perceptível que as contribuições e experiências das mulheres negras são ignoradas ou subestimadas e até mesmo os dois ao mesmo tempo, o que pode levar a um sentimento de isolamento causado pela invisibilidade mencionada anteriormente. Sendo assim, o ato de retraimento é uma consequência do racismo e machismo diário.

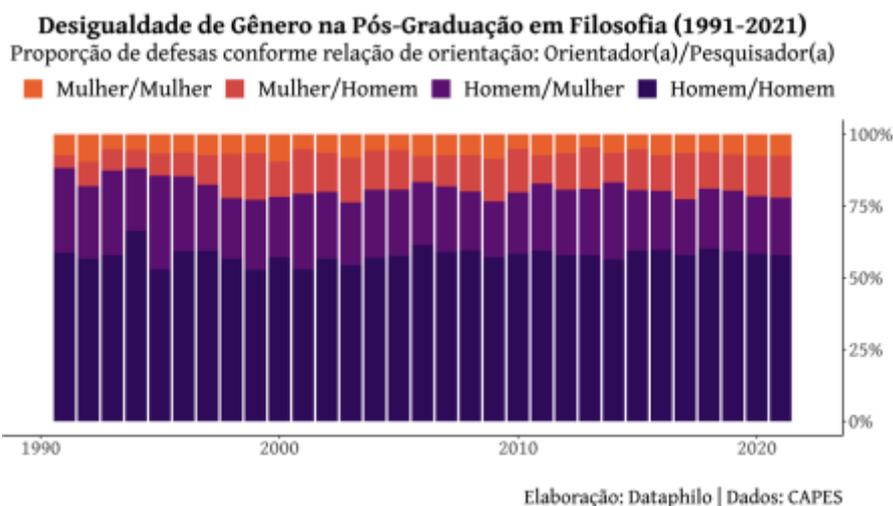
ONDE ESTÃO AS MULHERES NEGRAS NA FILOSOFIA?

Já se perguntou onde estão as mulheres filósofas? Até o 4º período do curso de filosofia, muitos discentes não questionam o “sumiço” das mulheres na filosofia, alguns por não se importarem e outros por não perceberem que a problemática envolta da invisibilidade e desaparecimento se trata de um não saber da existência dessas mulheres, e não de que não exista mulheres filósofas. Essa ausência levanta questões importantes sobre a representatividade e a inclusão das pessoas consideradas de cor no meio filosófico.

Como mencionado anteriormente, Maria Firmina pode ser considerada filósofa devido a sua análise política e reflexões sobre a sociedade, entretanto, a afirmação de que ela é uma escritora e não uma filósofa se sobressai, o que acarretou, na consideração de que ela foi e é uma pensadora, uma erudita e uma intérprete do Brasil devido a interpretação de suas vivências dos acontecimentos históricos da época em que viveu. Casos como esse são comuns na filosofia, assim como mencionado no tópico acima, Anzaldúa também pode ser citada nesse meio, muitos filósofos e professores de filosofia negam que o tipo de escrita dessas mulheres seja filosofia, argumentando que isso seria apenas uma sociologia por ser tratar de críticas e questionamentos sociais. Mas não seria fazer filosofia quando se está criticando e questionando? É exatamente o que essas mulheres fizeram ao longo de suas vidas, questionaram sobre uma sociedade machista e racista e o sofrimento que passaram juntamente a suas famílias, questionamentos do motivo de todas as violências físicas, mentais e epistemicídio (ou seja, suas contribuições filosóficas/ pensamentos foram apagadas).

No âmbito acadêmico, a desigualdade se perpetua e é possível observar em um dos gráficos presente no artigo especial Anpof (Associação Nacional de Pós-graduação em

Filosofia) chamado 8M: 30 anos de desigualdade de gênero na filosofia acadêmica brasileira, escrito pelos professores Carolina Araujo, Fernando de Sá Moreira, Mitieli Seixas da Silva, Hugo Mota e Marcos Fanton, nele, os autores e autoras procuram mostrar como as mulheres são minoria no curso de filosofia, implicando consequentemente na escolha de orientadores (e na estrutura acadêmica dos cursos de filosofia no Brasil) como veremos no dado apresentado no artigo:



O gráfico apresentado no artigo, revela uma participação feminina quase nula, diferença que se torna ainda maior quando se trata de mulheres negras. A “escassez” exposta não se limita apenas à falar que a porcentagem de mulheres orientadoras é menor que a de orientadores homens ou que a proporção de mulheres sendo orientadas é bem menor do que homem orientando homem, isso nos convida a refletir a situação feminina e a presença da desigualdade de gênero no contexto acadêmico.

Apesar disso, esse ciclo pode ser rompido com o reconhecimento e valorização das mulheres na filosofia, especialmente mulheres negras sejam de décadas passadas ou da contemporaneidade. Pode-se fazer isso não somente reavaliando o que seria um filósofo e incluindo mais figuras como Maria Firmino, Esperança Garcia e Anzaldúa, além de promover espaços em que as mulheres negras podem ter destaque como pensadoras, pesquisadoras e orientadoras para enriquecer o âmbito filosófico com seus pensamentos únicos e de extrema importância para a sociedade e comunidade universitária.

Sendo assim, é de suma importância a existência de questionamentos quanto a ausência das mulheres negras na filosofia, história e literatura brasileira e as estruturas de



poder e exclusão que rodeiam as universidades e a conjuntura social. Reconhecendo também que a filosofia deve ser mais inclusiva e diversificada para refletir as experiências e vozes que estão ao redor do mundo.

PROFESSORAS NEGRAS NA FILOSOFIA

As professoras negras de filosofia enfrentam desafios como discriminação e a luta constante por reconhecimento e inclusão, além disso, é perceptível que a filosofia no mundo é composta em sua maioria por homens, especialmente brancos e no Brasil, tal fato não é diferente. Isso se dá pelas desigualdades estruturais presente no Brasil desde sua “fundação”, sofrendo também com a falta de representatividades em posições consideradas de elite branca e reconhecimento quando as ocupam. As pessoas negras em um contexto geral sofrem com essa falta de profissionais universitários negros que não estejam em um ambiente considerado inferior pela sociedade.

Além disso, as docentes ainda sofrem com as jornadas exaustivas de trabalho, levando em conta que é necessário produzir e ter um conhecimento considerável para a quebra de barreiras e marcadores sociais com base em seus gêneros, já que muitas dessas mulheres são mães. E são consideradas exceções nesse ambiente majoritariamente masculino com uma visão eurocêntrica.

Ainda fazendo uso do artigo especial Anpof 8M: 30 anos de desigualdade de gênero na filosofia acadêmica brasileira, o dado fornecido aponta com clareza a minoria significativa de mulheres pesquisadoras que se agrava mais ainda quando se trata de orientadoras mulheres, sendo que se trata de 12.353 trabalhos dos anos de 1991 até 2021:

Tabela 1: Características de trabalhos finais defendidos em PPG's de Filosofia no Brasil (1991-2021) | N: 12.353 trabalhos

	N	%
Nível		
Mestrado	8.949	72,44
Doutorado	3.048	24,67
Mestrado Profissional	356	2,88
Região		
Sudeste	6.814	55,16
Sul	3.027	24,5
Nordeste	1.853	15
Centro-Oeste	565	4,57
Norte	94	0,76
Gênero do(a) Orientador(a)		
Homem	9.905	80,18
Mulher	2.421	19,6
Não Identificado	27	0,22
Gênero do(a) Pesquisador(a)		
Homem	8.512	68,91
Mulher	3.457	27,99
Não Identificado	384	3,11
Relação de Orientação		
Homem/Homem	6.947	56,24
Homem/Mulher	2.645	21,41
Mulher/Homem	1.550	12,55
Mulher/Mulher	803	6,5
Não Identificado	408	3,3

Elaboração: Dataphilo. Dados: CAPES.

Apesar dos dados preocupantes, as mulheres negras deram inúmeras contribuições que têm sido fundamentais para enriquecer a filosofia com novas perspectivas e para desafiar as normas estabelecidas pela maioria dominante desta disciplina. Embora esse cenário cause problemas para a produção do conhecimento e formação de novos pensadores e pensadoras, cria um limite até onde pode-se pensar e fazer filosofia, fazendo com que a visão da *branquitude* tenha prosseguimento. Ainda tem-se o fato de que com menos modelos e mentores negros e negras no meio acadêmico acaba por desmotivar os alunos a continuarem suas formações.

A presença de professores de cor na filosofia é essencial para expandir os limites do conhecimento e trazer questões negligenciadas.



INTERSECCIONALIDADE E O RESGATE DE NARRATIVAS-LITERATURA DE MULHERES NEGRAS

A interseccionalidade, conceito popularizado por Kimberlé Crenshaw, é fundamental para compreender como diferentes formas de opressão se interconectam, pois permite que tenha uma pesquisa de forma acentuada sobre as classes sociais e as camadas de discriminação que afetam o indivíduo e grupos inseridos nesse meio. Gloria Anzaldúa utiliza essa abordagem para enfatizar que a luta das mulheres negras não pode ser dissociada das lutas de outros grupos invisibilizados, como as comunidades indígena e LGBTQIAPN+. Logo, é crucial resgatar essas narrativas para criar um entendimento mais abrangente da história e da cultura, além de obter uma maior valorização.

Apesar de muitos professores e filósofos afirmarem que literatura não pode ser filosofia, essas duas disciplinas estão correlacionadas e podem ser abordadas juntas de diversas maneiras, como a política e a ética. Com isso, é possível notar que muitos filósofos fizeram uso da mitologia para explicar seus pensamentos e suas obras foram escritas em forma de narrativas literárias (história e conto), como os diálogos de Platão. Pode-se assim dizer que elas se completam, pois uma ajuda a outra a apresentar o que quer ser passado de forma acessível e impactante.

Ademais, a literatura produzida por mulheres negras é rica e diversa, abrangendo desde a poesia até a prosa, oferecendo uma vasta experiência. Autoras como Maria Firmino não apenas criaram obras-primas, mas também ofereceram novas perspectivas sobre a experiência afro-brasileira. Contudo, suas obras muitas vezes foram desprezadas e colocadas em um espaço secundário nas discussões literárias, um reflexo do persistente preconceito com as vozes negras. Também, tais obras abordam as questões sobre liberdade, escravidão, racismo e identidade, emergindo assim muitas narrativas que foram silenciadas. No pensamento de Gloria Anzaldúa e em seu texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, vemos que a autora mescla filosofia e literatura, oferecendo um novo paradigma para entender e analisar a identidade e a opressão, enfatizando a necessidade de um pensamento inclusivo que seja aberto a uma maior quantidade de experiências.

Com isso, é essencial que se tenha conhecimento dessas obras para criar um mundo



literário justo, sem preconceito e representativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, chega-se a conclusão que o apagamento das mulheres negras na história, literatura e filosofia é um reflexo das estruturas de poder que permeiam nossa sociedade. Esse fenômeno não apenas distorce a narrativa histórica, mas também faz com que aconteça uma exclusão e uma invisibilidade de vozes essenciais para a compreensão plena de nossa cultura e desenvolvimento intelectual. Ao reconhecer e valorizar as contribuições dessas mulheres, conforme defendido por pensadoras como Gloria Anzaldúa, podemos não apenas reescrever a história, mas também promover um futuro mais justo e inclusivo para as futuras gerações e as gerações atuais.

Logo, a inclusão de mulheres negras na filosofia, literatura e história é crucial para acabar com as hierarquias opressivas e assim, construir uma sociedade mais equitativa, ou seja, igualitária. Entretanto, isso envolve uma revisão crítica dos currículos acadêmicos, para que se tenha a promoção de pesquisas que destacam essas vozes e a criação de espaços onde as experiências e ideias das mulheres negras sejam celebradas e incorporadas ao mundo cultural e intelectual. Reconhecimento de obras de figuras como Maria Firmina dos Reis e Gloria Anzaldúa é um passo imenso e essencial nesse processo.

Além disso, é necessário que continuemos a dar voz àquelas que foram silenciadas, não apenas como um ato de justiça histórica, mas também como um meio de enriquecer o nosso entendimento do mundo e mostrar às crianças que independente da cor ou gênero, podem estar ocupando lugares jamais imaginados por seus antepassados. Celebrar a riqueza de suas experiências e ideias nos permite acessar uma maior quantidade de perspectivas e soluções para os desafios contemporâneos. As mulheres negras trazem consigo uma riqueza de conhecimento que resulta de suas lutas e resiliência, oferecendo ensinamentos e inspirações únicas sobre resistência, sobrevivência e transformação social.

Portanto, o esforço para trazer à tona e valorizar as contribuições das mulheres negras deve ser contínuo. Isso inclui não apenas a recuperação histórica e a inclusão acadêmica, mas também o incentivo à produção e disseminação de novas obras que refletem suas experiências e visões de mundo. Ao fazer isso, estaremos não apenas corrigindo erros



do passado, mas também construindo uma base mais sólida e diversificada para o futuro da filosofia, literatura e da história.

Em última análise, a valorização das mulheres negras nas diversas esferas do conhecimento humano não é apenas uma questão de justiça, mas também de enriquecimento cultural e intelectual, pois ao reconhecer e celebrar suas contribuições, estamos ampliando os horizontes do pensamento e promovendo uma sociedade que valoriza a diversidade como uma fonte de força e inovação. Assim, avançamos para um mundo onde todas as vozes são ouvidas e todas as histórias são contadas.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ARAÚJO, Carolina; MOREIRA, Fernando de Sá; SILVA, Mitieli Seixas da; MOTA, Hugo; FANTON, Marcos. **Especial Anpof 8M: 30 anos de desigualdade de gênero na filosofia acadêmica brasileira**. ANPOF, 2021.
- LUIZ, João P.; AURÉLIO, Bernardo. **A voz de Esperança Garcia**. Teresina: Quinta Capa, 2023.
- MULHERES NA FILOSOFIA**. Maria Firmina dos Reis. Acesso em: 9 dez. 2024. <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/2024/07/16/maria-firmina-dos-reis/>
- MENDEL, Débora Simões de Souza. "A mulher negra: as construções dos jogos de silenciamentos." In **31º Simpósio Nacional de História**, ANPUH-Brasil, Rio de Janeiro/RJ, 2021.
- ROSA, Aline O.; XAVIER, Victória F. F.; CASTRO, Susana. **Mulheres intelectuais de ontem e hoje**. Editora: Atena, 2022.
- WILKE, Valéria Cristina Lopes. "Quantas somos? Onde estamos? – Um olhar lançado sobre a evolução da formação de filósofas graduadas, entre 2000 e 2016, no Brasil." **PROBLEMATA: REVISTA INTERNACIONAL DE FILOSOFIA**, v. 11, p. 233-257, 2020.